



boletim CDOC #15

EDITORIAL...

Com a publicação do Boletim nº 15 do CDOC - Centro de Documentação do Museu Municipal, aproveitamos para desejar a todos os Amigos do Museu um excelente ano de 2017!
Uma vez mais fica o convite, venha conhecer-nos e traga um amigo.

ESCOLHEMOS PARA SI...

...NO CENTRO DOCUMENTAÇÃO

HISTÓRIA DA MÚSICA POPULAR EM PORTUGAL DE PEDRO DE FREITAS

Da autoria do louletano Pedro de Freitas (1894-1987), *História da Música Popular em Portugal* é uma obra pioneira no estudo do associativismo musical no nosso país. Compilada entre 15 de dezembro de 1941 e 26 de junho de 1944, foi editada pelo autor em 1946 com o subtítulo "Versão tradicional da Música Popular em Loulé".

Partindo do mote "A Música é poderosa fonte de educação e recreio do nosso povo", Pedro de Freitas procura através desta obra uma recuperação da música popular, nomeadamente através da revitalização das então decadentes coletividades filarmónicas do país.

Prefaciada por nomes sonantes como Luís de Freitas Branco, Raul Esteves, Constâncio Carrusca e Julião Quintinha, *História da Música Popular em Portugal* divide-se em quatro capítulos, nomeadamente: "Considerações oportunas", "Loulé e a sua Música Popular - Tradição e Vida", "Filarmónicas de Portugal" e "Evolução, Crise e Solução". No capítulo intitulado "Considerações oportunas", Pedro de Freitas faz uma síntese do panorama musical louletano na época, salientando a decadência das bandas de música que, a seu ver, se encontravam demasiadamente ligadas às questões políticas e, por isso, longe de possuírem o carácter oficial e popular necessário para a sua progressão. Neste primeiro capítulo, o autor traça também a história de diversos instrumentos musicais e defende que as Bandas Cívicas surgiram a partir das Bandas Militares, ou seja, após o início do século XIX. Esta última teoria foi mais tarde contestada por outros estudos e, nesse sentido, a obra de Pedro de Freitas é também importante no despoletar de novas investigações sobre o tema. Não obstante, o capítulo mais interessante para o estudo da história local, sobretudo na sua vertente musical, é o que Pedro de Freitas intitulou "Loulé e a sua Música Popular - Tradição e Vida".

Neste, o autor debruça-se sobre a história das bandas filarmónicas em Loulé, percorrendo sobre a sua organização, repertório, atividade musical e sobre as personalidades ligadas ao universo musical louletano. Embora refira a existência esporádica de outras bandas, Pedro de Freitas debruça-se essencialmente sobre o percurso de duas coletividades: a Sociedade Filarmonica União Marçal Pacheco, ou "Música Velha", e a Sociedade Filarmonica Artistas de Minerva, também chamada de "Música Nova". A parte que Pedro de Freitas dedica à "Música Velha", tentando precisar a data da sua fundação, demonstra que o mesmo, embora se assumia como um "simples amador de música" e não como um historiador, procurou dar à obra uma certa cientificidade, pondo em causa a informação que vigorava baseada na tradição oral. Ao abordar estas coletividades, o autor fornece igualmente diversos dados que permitem compreender a realidade política e sócio-económica louletana de finais do século XIX até à década de 50 do século XX. O terceiro capítulo é o mais extenso e, provavelmente, aquele que mais exigiu de Pedro de Freitas, pois consiste numa exaustiva compilação das Filarmonicas existentes em Portugal Continental e Insular. Ainda que sublinhe frequentemente a falta de documentação escrita e uma série de dificuldades relativas à recolha de informação, o autor procura ser o mais minucioso possível e traçar um histórico das inúmeras bandas musicais referidas. De salientar, que a informação escrita é muitas vezes complementada com fotografias e ilustrações devidamente legendadas. Por fim, no quarto e último capítulo, sob o título "Evolução, Crise e Solução", Pedro de Freitas volta a refletir sobre a importância da música na instrução e lazer do povo e propõe medidas que visam a recuperação das bandas filarmónicas e o seu progresso.

Em suma, quer pelo seu carácter inédito, quer pelo volume de informação que apresenta, tendo em conta a escassez de fontes e de meios de investigação, a *História da Música Popular em Portugal* é ainda hoje tida como um subsídio para a historiografia da música popular portuguesa.

Cdoc nº 505
Espólio Pedro de Freitas
24 x 17 cm



...NA HEMEROTECA

CORREIO OLHANENSE: TRÊS FASES DE UM JORNAL

Ainda que repartido por três fases distintas, *Correio Olhanense* é o título comum dado a um conjunto de periódicos, publicados entre 1921 e 1958, que se assumiram como representantes dos interesses de Olhão, em particular, e do Algarve, em geral. De facto, apesar do instável percurso do *Correio Olhanense*, o jornal primou sempre por manter o seu programa e objetivos, assim como um rol de importantes colaboradores cujo contributo era notório na riqueza cultural que esta publicação apresentava.

A primeira publicação periódica intitulada *Correio Olhanense* surgiu em dezembro de 1921. Com o subtítulo "Semanário Independente", possuía um carácter noticioso, literário, cultural, regionalista e republicano, mas sem inclinação partidária. A sua direção oscilou entre João Lobo de Miranda Trigueiros e José de Sousa Ferradeira, ambos militantes do Partido Republicano Português. Desde logo, o jornal se demarcou pela categoria dos seus colaboradores, nomeadamente Boaventura Passos, Francisco de Sousa

◆ Inês, Roberto Nobre, José Dias Sancho, Marcos Algarve, Julião Quintinha, Bernardo de Passos, Mateus Moreno, entre muitos outros.

◆ Até 20 de agosto de 1933, data em que o *Correio Olhanense* se extingue pela primeira vez, o jornal atravessou diversas complicações, nomeadamente relacionadas com os custos da sua edição, não obstante, conseguiu assumir-se como um periódico de referência e na sua redação destacaram-se jovens jornalistas de grande talento como Antero Nobre. Será precisamente Antero Nobre que enceta a segunda fase desta publicação, recuperando o título *Correio Olhanense* para designar o jornal fundado em 12 de dezembro de 1948. Enquanto diretor e fundador, Antero Nobre escreve o primeiro artigo de fundo do novo jornal, apresentando o mesmo como uma continuação do antigo *Correio Olhanense* extinto 15 anos antes. Neste sentido, o jornal mantém uma periodicidade semanal e adota uma conotação vincadamente regionalista, aspeto que ditou a substituição do subtítulo original "Seminário Independente" por "Semanário Regionalista". Antero Nobre dirigiu o jornal até ao n.º 47, datado de 9 de janeiro de 1949, sendo posteriormente substituído por Fausto Redondo Pinheiro e, mais tarde, por João Emiliano Matos Parreira. Tal como referido, ao longo das diversas fases da sua existência, o jornal mantém a maior parte dos seus colaboradores, no entanto, neste segundo momento do seu percurso é importante também salientar os contributos de Alberto Iria, José Domingos Garcia Domingues, Mário Gentil-Homem e João Manuel Mascarenhas. Lamentavelmente, o *Correio Olhanense* volta a suspender a sua publicação em 18 de fevereiro de 1951, embora até 1957 continue a publicar um número por ano para garantir o título. Durante os quatro anos que durou a segunda fase do jornal, foram publicados no *Correio Olhanense* diversos artigos que constituem um importante subsídio para o estudo da História de Olhão e da Cultura Algarvia. Após sete anos de interrupção, a 12 de fevereiro de 1958, o *Correio Olhanense* volta a ser publicado semanalmente, dando assim início à sua terceira e última fase. Desta feita, o jornal apresenta um novo formato, com melhoramentos no grafismo, e é dirigido por João Adelino Dias Pena. Seguindo uma linha de continuidade, mantêm-se colaboradores como Antero Nobre e Marcos Algarve, contudo destacam-se também nomes como Francisco Fernandes Lopes, Manuel Cardoso Martha, Hermenegildo Neves Franco, Francisco Keil do Amaral, Alberto Pimentel, entre outros. Rico em anúncios, o jornal apresenta algumas secções de grande interesse, nomeadamente "Português para todos" (artigos de lexicologia por António Henrique Cabrita); "Crónica de Longe" (Crónicas de Antero Nobre); "Dizem os Leitores" (espécie de Cartas ao Diretor), etc. A extinção definitiva do *Correio Olhanense* ocorreu apenas alguns números depois, a 7 de agosto de 1958, no entanto, nesta curta fase o jornal deu à estampa importantes artigos de cultura e história local, salientando-se o incremento da sua vertente cultural que à época já era bastante significativa. Os exemplares do *Correio Olhanense* que possuímos no Centro de Documentação do Museu de Loulé pertencem ao espólio doado pelo louletano José António Madeira e são precisamente aqueles que correspondem à terceira fase deste jornal.

Concluimos com a transcrição de um soneto de Marcos Algarve, um dos mais assíduos colaboradores do *Correio Olhanense*, publicado no n.º 167, de 7 de agosto de 1958, onde o mesmo homenageia a sua terra e dois outros olhanenses: João Lúcio e Lourenço do Ó da Silva (João Capuz):

*Conheci dois rapazes em Olhão,
Minha terra mourisca de açoteias...
No âmago do Inverno ou do Verão
A complicar a vida com ideias...*

*Ambos usavam nome de João,
Artistas faladores e sem peias...
Ouvi-os numa certa ocasião
Falarem sobre montes e moreias...*

*Um era rico e o outro pobrezinho,
Dois bons amigos refinando a luz
Na sombra cultural do seu moinho...*

*Era o João Lúcio e o João Capuz,
Duas almas seguindo um só caminho:
O pobre morreu velho com a Cruz!*



...NA FOTOTECA

A 5 de novembro de 1966, o então Presidente da República Almirante Américo Tomás percorreu a província algarvia em visita oficial. Na sua passagem pelo nosso concelho visitou Boliqueime, Alte, Benafim, Salir e Loulé. Desta visita oficial chegou-nos um conjunto de quinze fotografias resultante da reportagem fotográfica que cobriu a sua chegada a Loulé. Para marcar os cinquenta anos da data, apresentamos este conjunto de imagens que nos relata a forma como decorreu a receção à visita presidencial: à chegada da comitiva aguardavam-lhe as individualidades e entidades louletanas, assim como a população que se apinhava para ver ao vivo o Presidente da República. As filarmónicas, a Mocidade Portuguesa, alunos da Escola Técnica e Primária, agremiações recreativas, Bombeiros Municipais, a Polícia... perfilavam-se junto ao edifício dos Paços do Concelho perante um público expectante por esta inaudita visita. Neste conjunto ficou também registado o momento em que o Almirante é recebido pelo Presidente da Câmara Municipal, Eduardo Delgado Pinto, perante "o povo eletrizado pelos foguetes e morteiros, pelo repique festivo dos sinos, pelas constantes aclamações e pela chuva de papelinhos coloridos que caíam das janelas, (...) numa delirante apoteose de palmas que com a música e o entoar do Hino Nacional (...) deu ao acto a maior imponência e animação." Esta citação é um excerto do artigo do Jornal "A Voz de Loulé", de 15 de Novembro de 1966, que relata, de forma detalhada e efusiva, cada momento desta vista oficial.

Este conjunto de fotografias são da autoria do fotógrafo Manuel Guerreiro de Brito, ou Sr. Brito, como era conhecido entre os louletanos. Das diferentes facetas que se lhe são conhecidas, destaca-se a atividade de fotógrafo. Era conhecido entre os louletanos como o proprietário do estúdio Foto Arte e também como o fotógrafo ao serviço do município.

Do seu vasto espólio, que se compõe de importantes registos para o conhecimento da história e das pessoas da nossa comunidade nas décadas de 50 a 80 do século XX, pouco chegou até nós. Estes negativos foram resgatados juntamente ao espólio do fotógrafo Corpas Viegas, entretanto falecido e cujo estúdio e algum equipamento tinha adquirido ao Sr. Brito.

Este conjunto de fotografias poderá ser visto na vitrina da Sala Polivalente do Museu Municipal.

Contamos com a sua visita!



**MUSEU
MUNICIPAL
LOULÉ**
CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO



**DIVISÃO DE CULTURA,
BIBLIOTECAS E ARQUIVO**

WWW.MUSEUDELOULE.PT

MUSEU@CM-LOULE.PT

289 41 45 36

SEG A SEX: 09H30-12H30

14H30-17H00



loulé
concelho